

A MULTIFUNCIONALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO APLICADA AO CONCELHO DE CINFÃES

Ana Rita da Silva FERREIRA

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade de Porto
anarita_silvaferreira@hotmail.com

Maria Helena Mesquita PINA

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade de Porto
mpina@letras.up.pt

Resumo

Enquanto o mundo se globaliza e a urbanização se acentua, em simultâneo, nas áreas rurais regista-se um declínio populacional, indissociável de um progressivo envelhecimento dos que persistem nestes espaços. Não obstante, despontam casos como os "Neo-rurais", que proporcionam dinâmicas importantes num país fortemente marcado pela ruralidade, como é Portugal, e a "naturbanização", ou seja, a mobilidade de pessoas das áreas urbanas para áreas rurais de interesse natural, "sejam estas nas proximidades de parques naturais e nacionais, inseridas nestes, ou em zonas de grande riqueza paisagística" (Prados, 2004, 15). Estes espaços distinguem-se muitas vezes pelas suas paisagens naturais, pelo património arquitetónico e cultural, pelos produtos endógenos e os costumes, ou ainda pela qualidade de vida que oferecem à população residente.

No concelho de Cinfães, desde meados do século passado que o declínio demográfico é significativo. Todavia, Cinfães apresenta-se pleno de potencialidades, que se dividem entre a beleza paisagística da serra do Montemuro e a natureza preservada que envolve o rio Bestança, pelo que, Cinfães é um concelho extremamente rico em património natural e cultural, especialmente no que concerne ao património arqueológico. Contudo, existem problemáticas que condicionam o seu desenvolvimento, nomeadamente a alta taxa de desemprego e as débeis acessibilidades. Face ao exposto, este artigo focou-se na multifuncionalidade como estratégia para o desenvolvimento do concelho, fundamentado sobretudo na conjugação de estratégias públicas com outras privadas, para além da experiência da população residente, percecionada através da aplicação de inquéritos, que confirmaram a existência de problemáticas várias, mas também de potencialidades que introduziram algumas estratégias de desenvolvimento para o concelho de Cinfães.

Palavras-Chave: áreas rurais; desenvolvimento rural; multifuncionalidade; Cinfães;

Abstract

As the world globalizes and urbanization is accentuated, in rural areas there is a population decline, inseparable from a progressive aging of those who persist in these spaces. Nevertheless, there are cases such as the "Neo-rural", which provide important dynamics in a country strongly marked by rurality, such as Portugal, and the "naturbanization", that is the mobility of people from urban areas to rural areas of natural interest. "These are close to natural and national parks, inserted in these, or in areas of great landscape richness" (Prados, 2004, 15). These spaces are often distinguished by their natural landscapes, by their architectural and

cultural heritage, their endogenous products and customs, or the quality of life they offer to the resident population.

In the county of Cinfães, since the middle of the last century, the demographic decline is significant. Nevertheless, Cinfães is full of potentialities that are divided between the scenic beauty of the Montemuro mountain range and the preserved nature that surrounds the river Bestança. Therefore, Cinfães is a municipality extremely rich in natural and cultural heritage, especially in what concerns the archaeological heritage. However, there are problems that affect their development, namely the high unemployment rate and the weak accessibility. Under these circumstances, the objective of this article was to focus on multifunctionality as a strategy for the development of the county, based mainly on the combination of public strategies with other private strategies, in addition to the experience of the resident population, perceived through the application of surveys, which confirmed the existence of several problems, but also potentialities that introduced some development strategies for the county of Cinfães.

Keywords: Rural areas; Rural development; Multifunctionality; Cinfães;

1. Introdução

Conceito que assume perspetivas distintas entre os vários países da Europa, os espaços rurais interligam-se com o ritmo de urbanização que ocorreu em épocas díspares nos diversos países, sobressaindo, conseqüentemente, grandes assimetrias territoriais, visíveis em termos paisagísticos, sociais, económicos e culturais. Exemplo claro desses contrastes são os que existem entre a Europa do Norte e a Europa Mediterrânea, ou ainda as evidenciadas entre o ocidente e o oriente europeu. Efetivamente, o território europeu é marcado por diferenças notórias entre países, ou mesmo de região para região.

Perante a multiplicidade de cenários, não é de estranhar que proliferem as definições de “espaço rural”. Uma das mais referenciadas é da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2013) que distingue o rural e o urbano através da densidade populacional, referindo que as áreas rurais são aquelas que possuem menos de 150 hab/km². Acresce a esta definição uma classificação em diferentes níveis: “Regiões Predominantemente Rurais”, aquelas em que mais de 50% da população vive em comunidades rurais; “Regiões Intermediárias” aquelas onde 15% e 25% da população vive em unidades rurais e “Regiões Predominantemente Urbanas”, aquelas onde menos de 15% da população está em regiões com menos de 150hab/km². Recorde-se que a OCDE confirmou a importâncias destes espaços na Europa, até porque aí se gerava 43% do valor acrescentado bruto (VAB), num período em que viver em áreas rurais já era considerado repulsivo (Magalhães, 2010).

Atualmente, apesar das suas potencialidades, as áreas rurais atravessam numerosas dificuldades. Tal repete-se em Portugal onde as assimetrias regionais se impõem de forma crescente, refletindo um despovoamento indissociável do êxodo rural, da emigração e do conseqüente envelhecimento estrutural dos remanescentes. Por conseqüência, muitas explorações agrícolas foram abandonadas, assim como o setor da pecuária, o que afeta a qualidade de vida das populações e

promove a descaracterização paisagística. Além disso, a débil formação técnica do agricultor também é um problema incisivo nas áreas rurais, já que a maioria possui formação empírica e uma literacia que não ultrapassa o nível básico.

Mas, apesar de todas as dificuldades que estas áreas evidenciam, existem hipóteses para as revitalizar, sobretudo se apoiadas na multifuncionalidade. Assim, neste artigo, abordaremos um caso exemplificativo destas dinâmicas, o concelho de Cinfães, território problemático mas, em simultâneo, atrativo e pleno de potencialidades, desde os “picos do Montemuro”, debruçados sobre o rio Douro, ao esplendoroso património paisagístico, natural, ou ainda, o soberbo património arquitetónico e, para citar apenas mais algumas potencialidades, a cultura, a gastronomia e os vinhos, e também as tradições e os diferenciados cenários naturais. Cinfães é, na realidade, um destino único e que, dinamizado, favorecerá a fixação da população e de empresas, potenciando-se ainda, como destino turístico.

2. Metodologia

Para a concretização deste estudo, apostamos em distintas fases metodológicas. Assim, procedemos a uma ampla pesquisa bibliográfica e documental sobre o concelho, muito diversificada em termos temáticos, dada a abordagem polifacetada que pretendíamos adotar, conjugando documentos históricos, com outros técnicos (demográficos, enquadramento físico, evolução económica, entre outros), dos quais destacamos diversas publicações do INE, nomeadamente os censos da população e os recenseamentos agrícolas.

Desta forma, concretizou-se o enquadramento de Cinfães, fase complementada pelo tratamento estatístico (em Microsoft Office Excel) e cartográfico dos dados estatísticos obtidos (em ArcMap, versão 10.1). Por outro lado, é imprescindível realçar o trabalho de campo de modo a conhecer a visão dos cinfanenses sobre o concelho, especialmente sobre os principais problemas e potencialidades. Este trabalho centrou-se em inquéritos/entrevistas distintos, direcionados a setores específicos da população, nomeadamente os jovens estudantes e os adultos, forma de conseguirmos congregar a opinião de diferentes setores etários. Assim, o primeiro inquérito que estruturámos direcionou-se aos proprietários de estabelecimentos de TER situados no concelho de Cinfães, trabalho complementado com entrevistas aos responsáveis pelo serviço de apoio ao turismo situado no centro da vila de Cinfães e à coordenadora da loja de recordações e produtos locais.

No sentido de adquirir uma maior abrangência e diversidade de opiniões sobre Cinfães, estruturámos também um segundo inquérito direcionado à população jovem e adulta do concelho. Foi objetivo central aferir a opinião dos primeiros sobre o que é atualmente viver nesta área e quais as suas necessidades mais permanentes, ao mesmo tempo que se pretendia que os adultos estabelecessem comparações entre o passado e o presente. Como corolário, estabelecemos ainda contactos com os agentes locais responsáveis pelo planeamento, pela gestão e pelo desenvolvimento do território, designadamente a Câmara Municipal de Cinfães, a Associação de Desenvolvimento Rural das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira (ADRIMAG), do GeoPark de Arouca e da DOLMEN (Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega). Estávamos,

pois, em condições de estudar o concelho de Cinfães, percebendo as características e as suas dinâmicas.

3. Cinfães, duas perspetivas – a oficial e a dos cinfanenses

Cinfães é um concelho rural do norte de Portugal, integrado no distrito de Viseu e na NUT III Tâmega. Situado na margem sul do Rio Douro, dista cerca de 75 km da cidade do Porto e, à data dos censos de 2011, acolhia uma população residente de 20.427 habitantes. Na sequência da Reorganização Administrativa Territorial Autárquica (Lei nº 59 11-A/2013, de 28 de janeiro), o município passou a ser constituído por catorze freguesias que, no total, ocupam uma área de 293km². Os concelhos que o enquadram são Baião e Marco de Canaveses a norte, Resende a leste, Castro Daire a sul, Arouca a sudoeste e, por fim, Castelo de Paiva a oeste.

3.1 - Principais entraves ao desenvolvimento do concelho

Cinfães é um concelho periférico, onde se foi descurando quer a agricultura, quer a criação de gado. Acresce que, como o setor industrial nunca foi estratégico, as oportunidades de emprego escasseiam, razão pela qual continua a população a diminuir, enquanto se perde dinâmica e atratividade. Registe-se que, em 2013, Cinfães foi considerado o concelho com menor poder de compra em Portugal, agregando sempre os piores indicadores relativos à qualidade de vida (INE, 2016). Neste contexto, e apesar das múltiplas potencialidades existentes, realcemos neste artigo alguns dos problemas existentes, distinguindo os mais significativos, como as acessibilidades, a débil formação técnica dos habitantes, a reduzida oferta de emprego, os serviços especializados insuficientes, a fraca valorização do património e a forte incidência de incêndios florestais

Indiscutivelmente, um dos maiores problemas do concelho, considerado tanto pela população inquirida, quanto pelos responsáveis e dirigentes da Câmara Municipal de Cinfães, relaciona-se com as fracas acessibilidades, pois tal dificulta a deslocação da população e a fixação de empresas. Na realidade, apesar de Cinfães se situar apenas a 75km de distância da cidade do Porto, como os acessos são deficitários, até o percurso em transporte privado se alonga por 1 hora e 20 minutos de viagem. Efetivamente, se pelas EN222 e EN108 proliferam os veículos pesados a transitar a baixas velocidades, o acesso à A4 (autoestrada), por seu lado, só é possível a partir do Marco de Canaveses ou de Penafiel. Por outro lado, se optarmos pelos transportes públicos, apesar de acessíveis, a única empresa que executa o trajeto entre Cinfães e o Porto, demora entre 2h 15m e 2h 45m, pois este não é direto. Por seu turno, o transporte ferroviário, não é uma opção viável para o concelho de Cinfães, já que a estação mais próxima é a de Mosteirô, (linha do Douro), situada a cerca de 16km do centro da vila de Cinfães. Se acrescentarmos ao tempo necessário para viagem de comboio o percurso para as freguesias, especialmente para as serranas e as do extremo ocidental do concelho, confirma-se que é de facto incomportável. O transporte ferroviário beneficia, sobretudo, a freguesia de Oliveira do Douro.

Quando analisamos, porém, a ligação à sede de distrito, Viseu, o cenário ainda piora, pois se antes da aplicação das SCUT na A24, bastava subir a Serra do Montemuro, para entrar na autoestrada, após a sua implementação tal deixou de ser uma alternativa.

Outro problema incisivo, como se confirma também pelos inquéritos à população jovem, é a deficiente informação e formação técnica dos residentes. Assim, os jovens desconhecem não só muitas das potencialidades do concelho, como a história local, facto que incrementa a “repulsividade” de Cinfães. Foi notório entre os jovens a terminarem o secundário, este “afastamento” e desinteresse pelas suas raízes e pelo seu território. Acresce que a proporção de residentes com ensino superior é mínima, apesar dos incentivos camarários e da intervenção do *Rotary Club*. É, pois, necessário perceber os fundamentos deste quadro e revertê-lo. Na realidade, apesar de existirem cursos de formação para adultos, será que estes estão adaptados, facilitando a sua inserção no mercado de trabalho? Sendo cursos subsidiados, é necessário que à vertente social se adicione a aplicação prática das competências e dos conhecimentos adquiridos. Todavia, sendo exígua a oferta de emprego, um dos problemas referidos com maior insistência, sobremaneira depois da crise que se instalou no setor da construção - o “barómetro económico” do dinamismo concelhio -, tal defrauda as expectativas dos jovens, incluindo os mais qualificados, o que facilita o êxodo rural e a emigração. É certo que a Câmara Municipal e os órgãos responsáveis se têm esforçado por combater este problema, fornecendo numerosas vantagens às empresas que se queiram fixar no concelho e implementando programas de estágios, mas estas medidas são insuficientes, pelo que, uma das apostas mais seguras, seria na agroindústria, uma vez que o concelho detém uma significativa aptidão para esta atividade.

Outro problema detetado é a deficiente oferta de serviços de apoio social, económico e cultural, sobretudo os mais especializados, o que implica que os autóctones se dirijam às cidades mais próximas, como Marco de Canaveses e Penafiel, ou até mesmo ao Porto, em casos extremos. Apesar de se registarem melhorias recentes, sobretudo no âmbito cultural e lúdico, no lazer, na sequência da criação, em 2015, pelas entidades autárquicas de espaços de diversão noturna, no setor da saúde o problema persiste, uma vez que no concelho não existem clínicas ou equipamentos para análises e exames médicos. Como a população é cada vez mais idosa, perspetivam-se problemas agravados no futuro.

Outra debilidade incide na insuficiente preservação do rico património natural e arqueológico, e, embora exista um interesse crescente, visível sobretudo no vale do Bestança, o património arqueológico continua descuidado e desconhecido por parte da população residente e dos turistas que visitam o concelho. Significativamente, foram identificados mais de 140 elementos de património arqueológico que não se encontram inseridos em qualquer rota disponibilizada pelos hotéis ou pelos estabelecimentos de Turismo em Espaço Rural. Assim, prossegue a sua degradação, perdendo-se milhares de anos de histórias, testemunhos únicos de povoamento, da cultura local.

Para mitigar os problemas antes descritos, há que olhar para todos os elementos da paisagem, quer sejam sociais, económicos, ou ambientais, como a floresta. Fonte de ocupação tão importante no concelho, esta é devastada com frequência pelos incêndios, repetindo-se tal cenário todos os verões, consumindo centenas de ha de áreas de mato e floresta. Num contexto em que as elevadas temperaturas se associam a baixos níveis de precipitação e humidade, como mais de 10% da floresta é constituída por resinosas e cerca de 75% das áreas florestais do concelho são de domínio privado, administradas por idosos descapitalizados, estas áreas não são limpas, nem o sub-bosque, acumulando-se no solo este material altamente combustível. Assim se compreende que, grande parte do concelho de Cinfães se integre nos escalões de risco de incêndio mais altos, segundo a CRIF (Cartografia de Risco de Incêndio Florestal), razão pela qual são necessárias mais medidas para prevenir a recorrência dos incêndios, enquanto se incrementa também a replantação florestal mas, com espécies endógenas, em detrimento das resinosas que potenciam os incêndios florestais.

Confirma-se que Cinfães corresponde a um território, de facto com múltiplos atrativos diferenciados, mas também graves problemas, que são reconhecidos pelas entidades oficiais, considerando algumas das estratégias de desenvolvimento local. Era porém imprescindível, neste nosso estudo, conhecermos a perspetiva da população residente, principalmente no que consta aos principais problemas e potencialidades deste concelho. Para o efeito, foram aplicados 300 inquéritos à população cinfanense, divididos em dois grupos distintos: 150 aos estudantes do concelho de Cinfães, com idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos e outros 150 aos adultos, com idades entre os 24 e os 89 anos.

A aplicação destes inquéritos permitiu-nos perceber os problemas e as potencialidades do concelho de Cinfães, segundo a perspetiva dos autóctones e/ou residentes do concelho, tanto a nível económico, como paisagístico, cultural e social. Era igualmente importante para nós, perceber se a ótica dos cinfanenses era semelhante à dos agentes de desenvolvimento do concelho. Os resultados obtidos são elucidativos e permitiram-nos completar os antes analisados, confirmando que questões como o desemprego e as acessibilidades externas foram também considerados os maiores entraves ao desenvolvimento do concelho pelos grupos inquiridos. Debruçemo-nos, assim, sobre o resultado dos inquéritos.

Relativamente à evolução observada no concelho nas últimas décadas, (figuras 1 e 2), é possível perceber que os dois grupos etários inquiridos detêm perspetivas diferentes sobre o que mais se alterou no concelho de Cinfães, já que, enquanto 1/3 dos jovens não respondeu à pergunta, outros 30% privilegiaram novas infraestruturas, nomeadamente as acessibilidades. Por outro lado, o grupo dos adultos valoriza sobretudo a existência de novos serviços, a melhoria dos acessos e o embelezamento da vila. Acresce que, como seria de esperar, os adultos responderam com uma maior diversidade, enquanto os jovens destacaram sobretudo o aumento das infraestruturas.

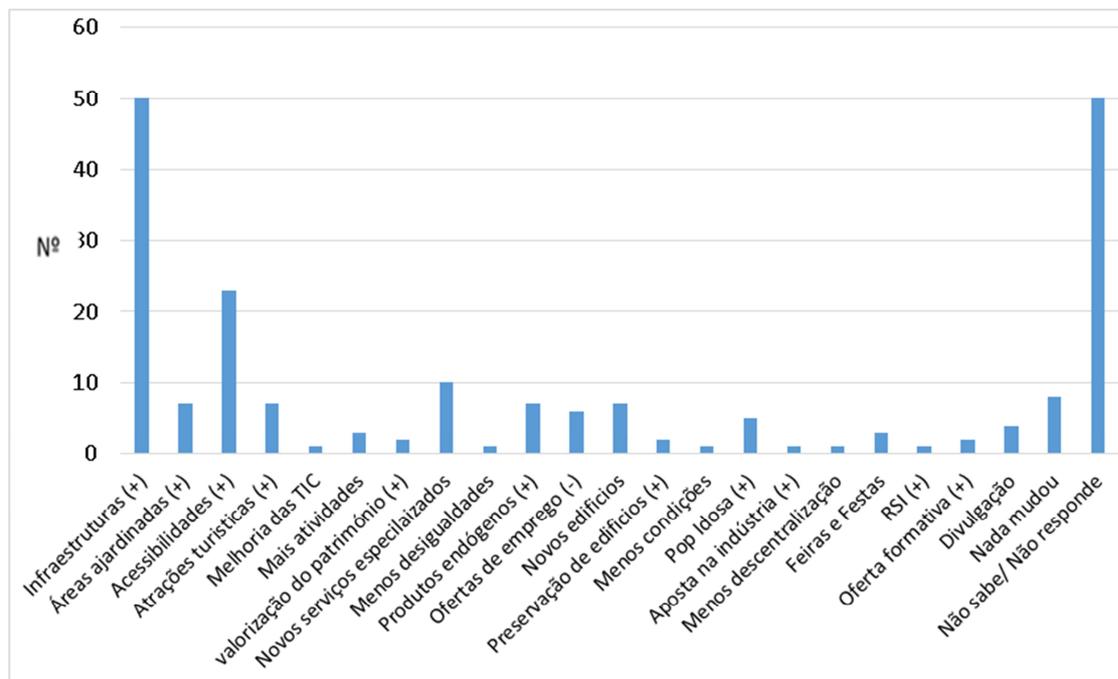


Figura 1 – Evolução observada pela população jovem, no concelho de Cinfães, entre a sua infância e a atualidade (pergunta 2) - sendo o símbolo mais (+) aumento e menos (-) diminuição

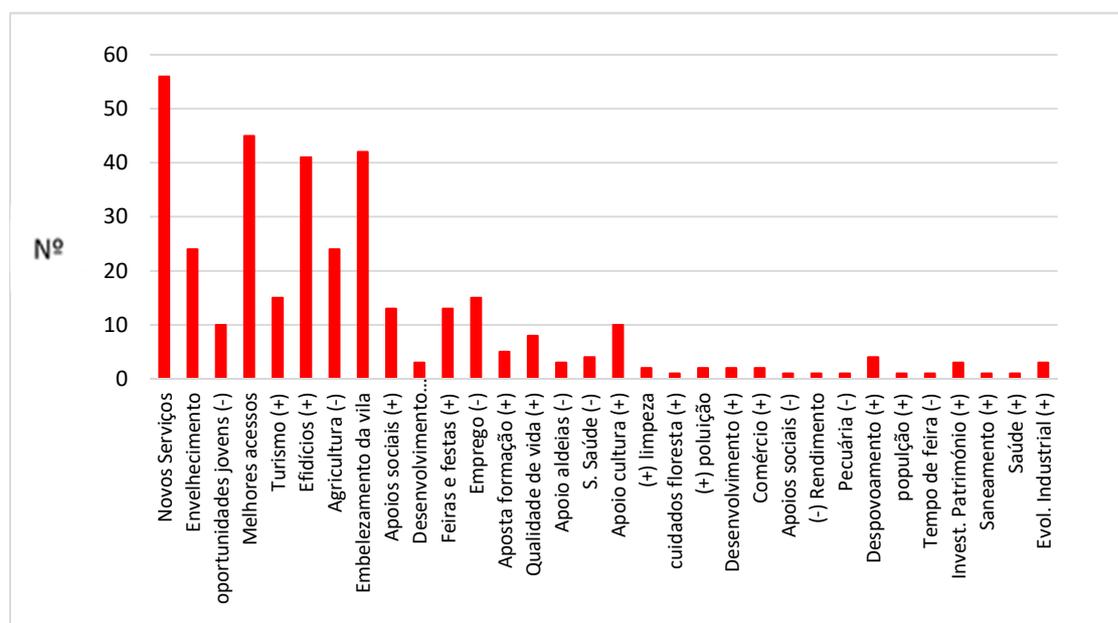


Figura 2 – Evolução observada pela população adulta, no concelho de Cinfães, entre a sua infância e a atualidade (pergunta 2) - sendo o símbolo mais (+) aumento e menos (-) diminuição

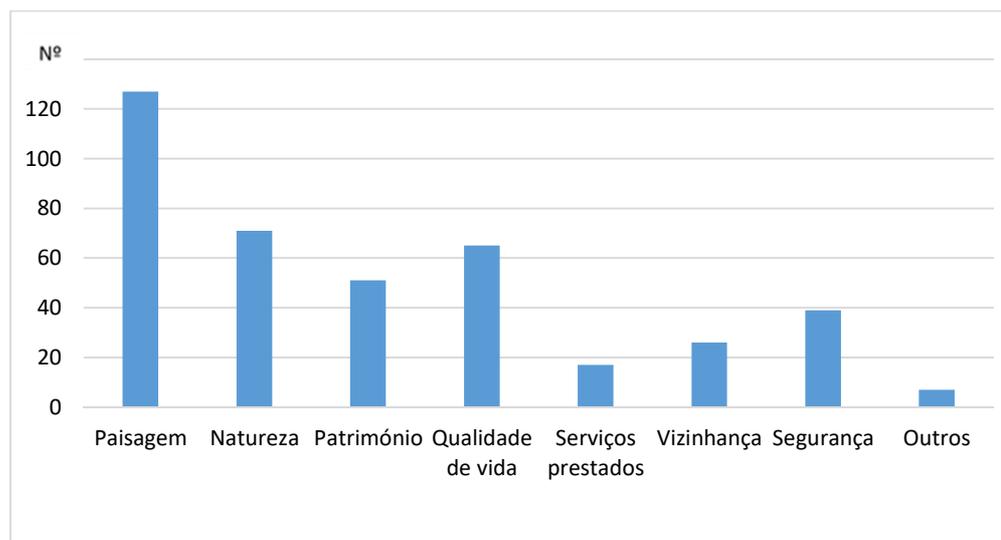


Figura 3 – Referência ao que os jovens inquiridos mais gostam no concelho de Cinfães (pergunta 4).

Em relação à pergunta nº 4, sobre o que mais lhes agradava em Cinfães, os jovens valorizaram sobremaneira a paisagem, a qualidade de vida e a natureza, enquanto os adultos realçaram a paisagem, a natureza e a segurança. Os serviços prestados foram a opção menos referenciada. Deste modo, podemos concluir que o ambiente e a qualidade de vida foram as respostas que mais sobressaíram, sobretudo entre a população adulta.

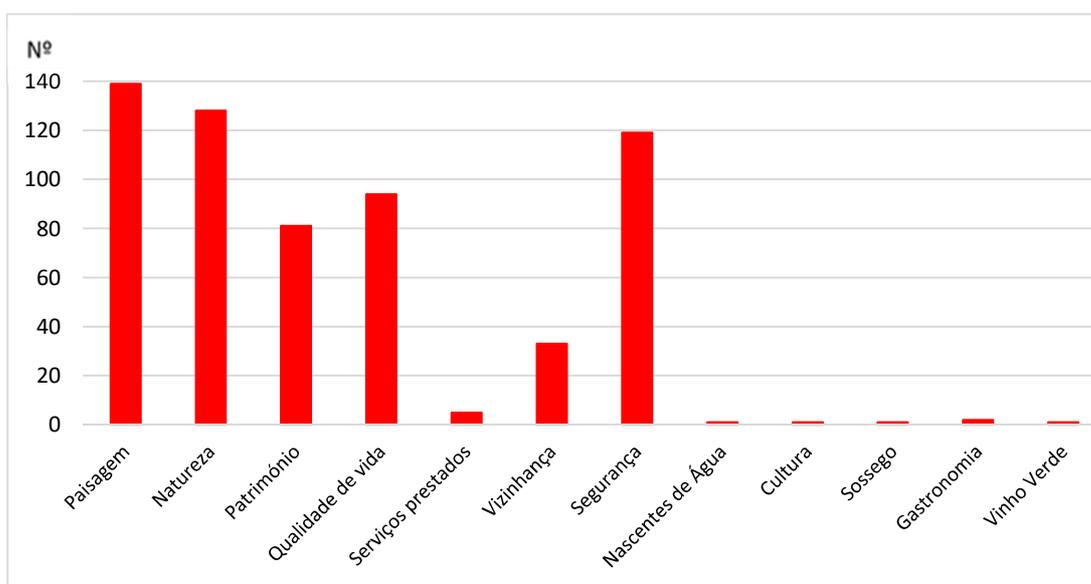
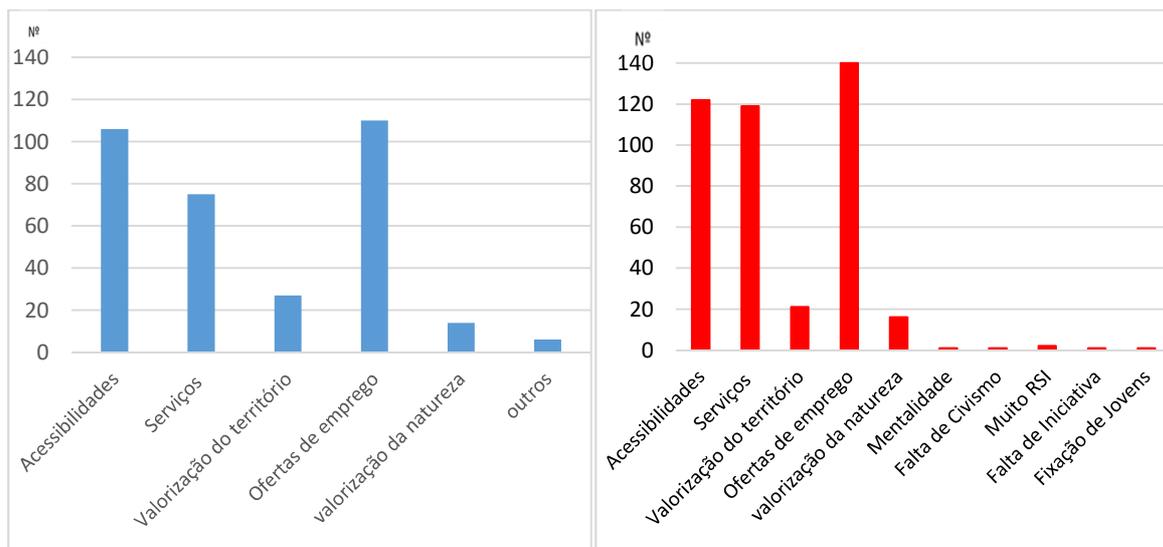


Figura 4 – Referência do que os adultos inquiridos mais gostam no concelho de Cinfães (pergunta 4)

No que concerne aos aspetos menos atrativos (pergunta nº 5), ambos os grupos realçaram a falta de oportunidades de emprego, seguida pelas acessibilidades deficitárias aos concelhos limítrofes e, por fim, os serviços. Registe-se ainda que a valorização da natureza aparece como o indicador que congrega menos desagrado por parte dos cinfanenses (figuras 5 e 6). Os autóctones têm, pois, consciência da singularidade do seu património natural, se bem que tal seja mais evidente entre os adultos.



Figuras 5 e 6 – Referência do que os jovens (a azul) e adultos (a vermelho) inquiridos menos gostam no concelho de Cinfães (pergunta 5)

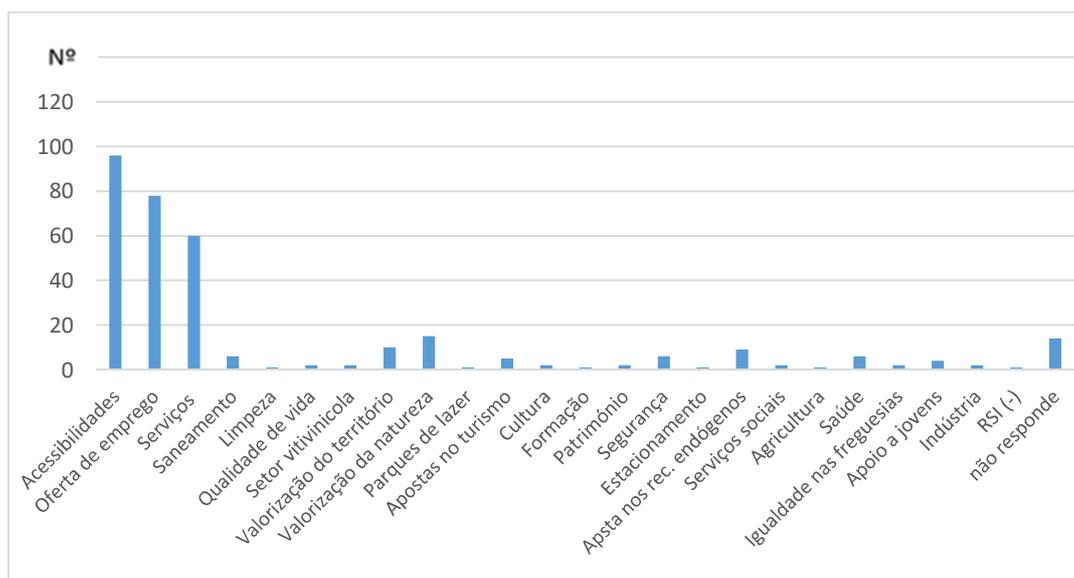


Figura 7 – Aspetos a serem melhorados no concelho de Cinfães, de acordo com os jovens (pergunta 6)

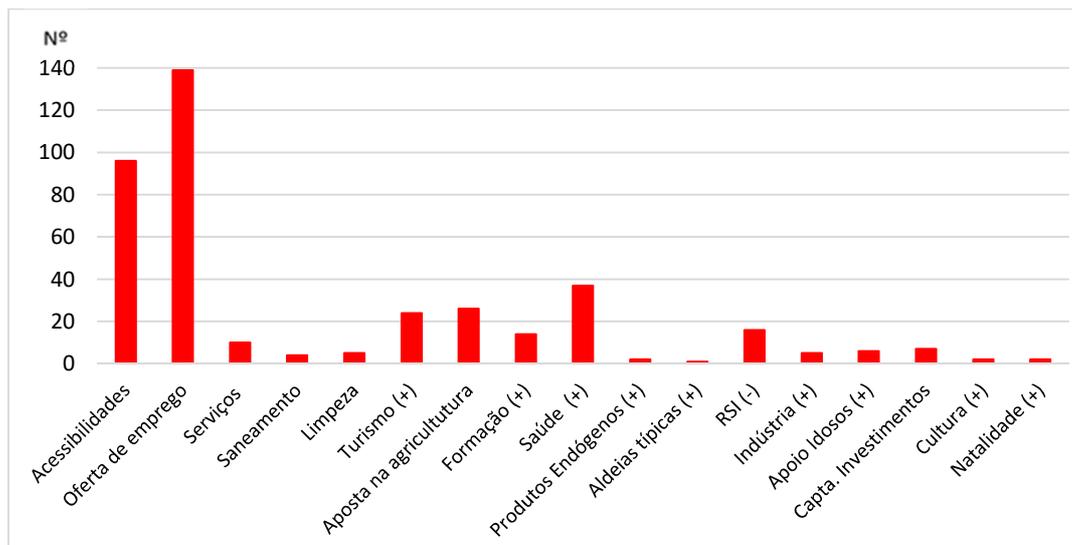


Figura 8 – Aspectos a serem melhorados no concelho de Cinfães, de acordo com os adultos (pergunta 6)

Relativamente à questão número 6, que solicitava três aspetos a serem melhorados no concelho de Cinfães, o grupo dos jovens valorizou sobretudo as acessibilidades, as ofertas de emprego e os serviços, enquanto os adultos realçam as ofertas de emprego, as acessibilidades e os serviços de saúde. Nesta pergunta de respostas abertas, também foi mencionada a aposta na agricultura, nos recursos endógenos e a diminuição do RSI (Rendimento Social de Inserção) (figuras 7 e 8). Nesta questão confirma-se, pois, que as prioridades entre os jovens e os adultos são distintas, já que os jovens privilegiaram os serviços de um modo geral, enquanto os adultos destacaram os cuidados de saúde, de facto cada vez mais solicitados pelos grupos mais idosos.

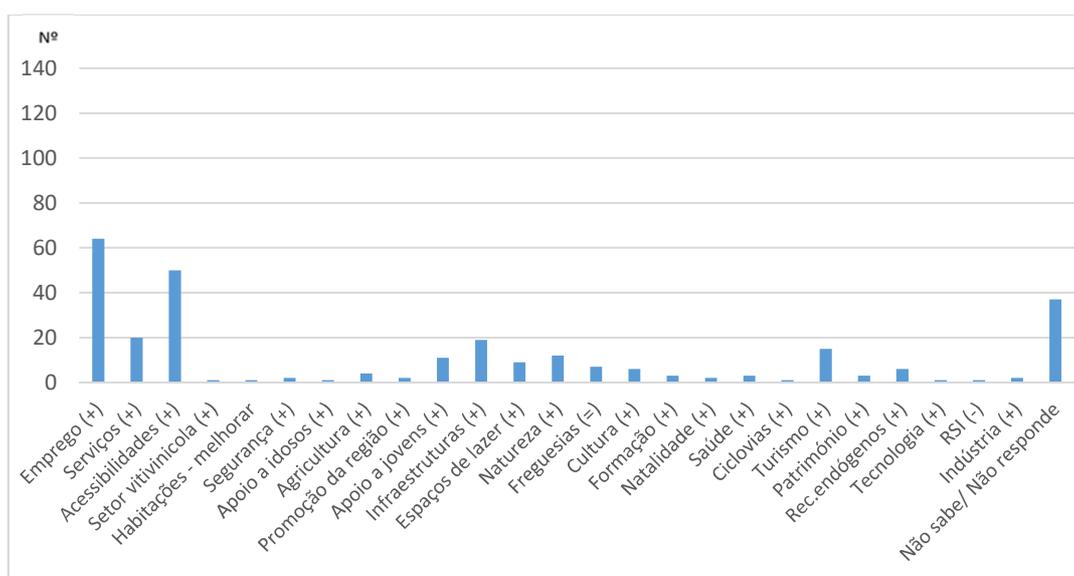


Figura 9 – Três medidas a serem aplicadas para melhorar o concelho de Cinfães, na perspetiva dos jovens (pergunta 7) - sendo o símbolo mais (+) aumento e menos (-) diminuição

Por último, quando na questão 7 se solicitavam três medidas para implementar no concelho de Cinfães, as respostas foram muito semelhantes às da questão anterior (figuras 9 e 10). Assim, a aplicação dos inquéritos permitiu-nos perceber quais os problemas e as potencialidades do concelho de Cinfães, na perspetiva da população residente, aspetos muito semelhantes aos referidos pelos responsáveis oficiais. Por outro lado, o tratamento destes dados permitiu-nos confrontar os problemas aqui detetados com os mencionados para outras áreas rurais, por diferentes autores, de modo a percebermos que, para além dos problemas mencionados pelos inquiridos, o concelho possui outros que impedem o desenvolvimento do concelho.

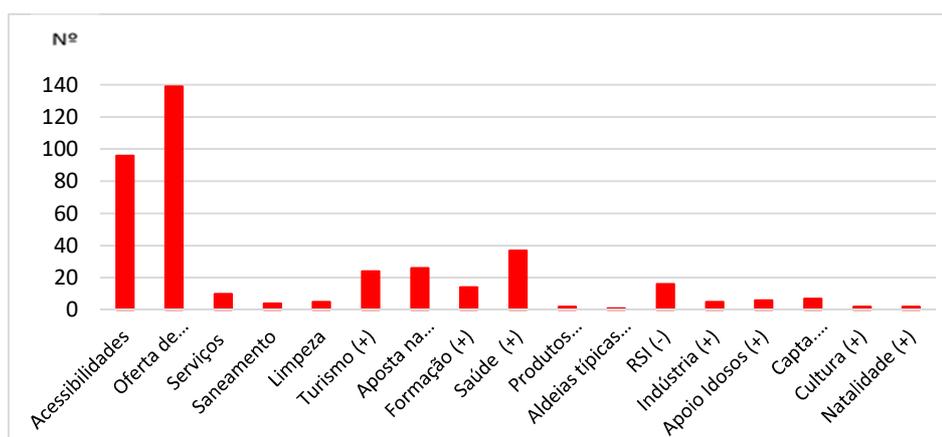


Figura 10 – Três medidas a serem aplicadas para melhorar o concelho de Cinfães, na perspetiva dos adultos (pergunta 7) - sendo o símbolo mais (+) aumento e menos (-) diminuição

Após a realização dos inquéritos, confirmamos o destaque unânime dos principais problemas, e das principais potencialidades do concelho, fundamentando algumas estratégias de modo a desenvolver Cinfães.

3.2. Algumas estratégias para potenciar o desenvolvimento do concelho de Cinfães

Apesar dos problemas detetados, em Cinfães multiplicam-se, de facto, as potencialidades das mais diversas tipologias, aspeto, aliás, confirmado pelos inquéritos. Com efeito, o património histórico e cultural é imenso e diversificado, abrangendo diferentes períodos. A título de exemplo, refira-se a Ponte românica de Covelas, restos de construções dolménicas e Igrejas como as da Rota do Românico e a Capela Cádiz, solares e casas abastadas de lavoura (Quinta da Fervença, Quinta da Soalheira), ou ainda aldeias tradicionais, como é o caso de Aveloso, Boassas, e Vale de Papas, onde podemos encontrar moinhos, azenhas, lagares, canastros, engenho de linho, alminhas.

O concelho é ainda rico em artesanato, especialmente relacionado com cestaria, tecelagem e tamancaria, divulgado em feiras como a ExpoMontemuro e a Feira Antiga, bem como em usos e costumes, preservados pela Banda Marcial de Tarouquela e Municipal de Cinfães, ou mesmo pelo

Rancho Cantas e Cramóis de Pias. Acrescem as romarias, eventos que se complementam com outras festas como o FolkCinfães, ou ainda a ação dinamizadora dos grupos desportivos (CDC). E como ignorar o património paisagístico, nomeadamente a Serra do Montemuro e o rio Bestança?

Realcemos, contudo, a Serra do Montemuro. Uma forma sustentável e viável de potenciar o Montemuro, seria através de percursos pedestres e de BTT (Vieira, 2005/2006). De salientar que a CM de Cinfães, com o apoio do QREN e do FEDER criou o “Mountain Bike Centre”, um centro de BTT, e apresentou seis percursos com quatro níveis de dificuldade, que variam entre o fácil e o muito difícil, que totalizam 140 km. Se os concelhos pertencentes à Serra do Montemuro (Cinfães, Lamego, Resende, Castro Daire e Arouca) cooperassem em percursos mais longos que abarcassem os diferentes concelhos, poderia criar-se apenas dois trilhos principais, sendo um ligado ao património cultural e outro ao património natural e paisagístico (Vieira, 2005/2006). Assim se valorizariam os recursos endógenos, materiais e imateriais, apoiando, inclusivamente, o turismo.

Outra hipótese decorreria da eventual expansão do Geoparque Arouca, que se poderia fundamentar na “geobiodiversidade” das serras do Montemuro e Gralheira, integradas na Rede Natura 2000. O que significaria que seriam agregados ao Geoparque de Arouca as “Portas do Montemuro”, tendo como principais atrativos o rio Douro e o Vale do rio Bestança.

Por outro lado, o turismo de neve poderia também ser fomentado. Recorde-se que todos os anos milhares de curiosos residentes nas proximidades, rumam à Serra do Montemuro, para as crianças brincarem com a neve. É certo que os desportos radicais ligados a este fenómeno são difíceis de implementar devido às rochas graníticas que afloram à superfície, mas poderiam ser incrementadas algumas rotas específicas, ou as subidas ao topo da serra, utilizando o transporte adequado, instalando-se aí um hotel de charme.

Não é, porém, apenas no turismo cultural e desportivo que se requer uma complementaridade com os concelhos vizinhos. Há que impulsionar também a partilha de serviços de saúde especializados, de forma a rentabilizar os investimentos associados, bem como as grandes infraestruturas, cenário que possibilitaria que mais recursos fossem aplicados nos concelhos, melhorando as condições de vida das populações.

Mas, indiscutivelmente, a agropecuária continua a ser incisiva no concelho, apesar dos problemas que envolvem este setor. Ainda que referenciado nos inquéritos, muito pela significativa recessão registada, mitigados ou ultrapassados os problemas que o manietam, seria possível o seu desenvolvimento, bem como a aposta em agroindústrias interligadas com a pecuária, com a raça bovina arouquesa. Na realidade, se historicamente a economia de Cinfães se baseava na agricultura, nos últimos 20 anos observou-se um enorme decréscimo na produção agrícola, pelo que, dada a persistência de potencialidades, há que “voltar às raízes”. Todavia, como já foi comprovado que a produção de queijo proveniente do leite dos bovinos de raça arouquesa, típicos da região, não seria rentável, uma das soluções passaria pela aposta na produção de batidos *vegan*. Com a produção destes batidos potenciar-se-iam também os produtos hortícolas e as frutas da região, numa agricultura biológica, sustentável e rentável. Por outro lado, lamentamos que, embora dominem minúsculas explorações agrícolas, muito parceladas e, por isso, com frequência, abandonadas, não se aproveite para criar um “banco de terras” que revitalize este concelho. Embora a Câmara Municipal de Cinfães

não tenha projetos neste sentido, como a DOLMEN coordena a “ECOALDEIA JANA”, que inclui o “banco de terras – terrenos e casas para ceder, alugar e vender”, em vigor desde o início de 2016, seria interessante incentivar uma parceria neste sentido com a DOLMEN, ou criar um “banco de terras” próprio no concelho, com vantagens para os proprietários e para os agricultores. Congregando esta iniciativa com a formação da população na área agrícola e com um emparcelamento das explorações agrícolas, Cinfães poderia prosperar economicamente, tendo por base os produtos agrícolas endógenos.

Há, ainda, outra potencialidade a incrementar: a raça bovina arouquesa, projeto sugerido por alguns dos inquiridos. Raça de porte pequeno, pode ser encontrada nos distritos de Aveiro, Viseu, Porto e Braga. A aposta na raça arouquesa é, de facto, necessária para dinamizar Cinfães, aliás, o concelho que mais bovinos de raça arouquesa produz, apesar da significativa diminuição registada nos últimos anos (ancra.pt). Neste sentido, a Câmara Municipal de Cinfães já detém um programa específico para incentivar os produtores a investirem nesta raça, mas perante a falta de pastagens, se surgisse um “banco de terras”, esse problema seria minimizado. Acresce que, para incentivar os jovens, no início deveriam ser disponibilizados apoios financeiros mais dilatados.

Se recordarmos que Cinfães se insere na sub-região de “Baião” onde domina a casta Avesso e na região “Paiva” onde já predominam as castas Amaral e Vinhão (tintas) e Arinto, Loureiro e Trajadura entre as brancas, compreendemos que estamos perante um cenário muito atrativo em termos vitivinícolas, conducente à produção de vinhos diferenciados. Aqui está outra potencialidade a valorizar no concelho.

Refira-se, aliás que, dos 12 produtores de vinho registados do concelho, apenas quatro integram a última sub-região, encontrando-se um em Travanca (a Quinta da Carvalha) e três em Souselo (a “Quinta das Fontes”, a “Quinta do Fijó” e o “Inspir’ar”). Nestas circunstâncias, em Cinfães é sendo notório o incremento do número de produtores, sobretudo na freguesia de São Cristóvão de Nogueira, alguns dos quais ganhadores de prémios em feiras internacionais. Caso se reforce a produção de vinhos no concelho, conjugando fundos comunitários com investimentos privados ou subsídios da Câmara Municipal de Cinfães, criar-se-ão condições para revitalizar a Adega Cooperativa de Cinfães, num cenário onde a inovação também esteja presente.

Outra grande aposta, apoiar-se-ia na conjugação da tradição com a inovação. Efetivamente, Cinfães é um concelho muito rico em tradições, visíveis no modo de vida das populações, mas também nas aldeias históricas, nos antigos ofícios ou no património construído. Tal confirma-se com a demonstração das artes e ofícios antigos que visualizamos nas feiras regionais, daqueles que ainda persistem, já que muitos desapareceram, ou encontram-se em risco de extinção. É o caso da chapelaria, da latoaria, da tamancaria, da cestaria, dos carvoeiros, ou mesmo dos barqueiros (especialmente na envolvente do rio Bestança e em Escamarão). Acrescem os colmadores, os pastores, os padeiros (que podemos ver na Aldeia do Pai Natal – Gralheira), ou ainda os moleiros, os seareiros e os carreteiros. Também seria importante representar as artes e ofícios nas aldeias onde estes eram mais significativos, de modo a que, quem visitasse a aldeia, percecionasse as antigas profissões e ofícios, a par dos serviços modernos, como é o caso dos hotéis e estabelecimentos de TER. Nas envolventes dos estabelecimentos de TER, poderíamos apostar

ainda numa agricultura tradicional para que os turistas participassem nas atividades agrícolas, aprendendo e auxiliando os proprietários, como sucede na quinta da Ventuzela. Este cenário participativo, delicia os hóspedes citadinos. Assim se conjugaria uma agricultura tradicional, com outra moderna e mais rentável, mas também com a agricultura biológica. É de extrema importância que esta aposta multifacetada se concretize.

Outra grande estratégia incide no turismo, sendo necessário que Cinfães se posicione também em termos turísticos, não só à escala do “Douro Verde”, como também à escala nacional, mas baseada num turismo de qualidade, em estabelecimentos recomendados, integrados na paisagem e na cultura local, como o TER. Para que isto seja possível, temos de despertar o interesse do turista para o concelho de Cinfães, criando atividades diversas, enquanto se preservam as já existentes. Há que os direcionar também para os museus do concelho de Cinfães, o posto de turismo e o centro de interpretação do Vale do Bestança. Dado que estes têm horários restritivos, encerrando, habitualmente, durante o fim-de-semana, precisamente quando aumentam as visitas de turistas, urge igualmente corrigir esta falha.

Por outro lado, como Cinfães é um concelho do interior, mas atravessado ou delimitado por diversos rios, deve criar-se praias fluviais bem infraestruturadas. Na verdade, existem já duas em Cinfães, nomeadamente a do rio Bestança, em Pias, onde se aproveita a maior profundidade de rio e espaços agradáveis para fazer um pic-nic em família, deliciada com a envolvente natural. Seria necessário, porém, colocar aqui uma área de churrasco e arborizar mais o recinto, tornando-o mais atrativo ainda. Existe também a praia de Granja, em Espadanedo, nas margens do rio Douro, muito frequentada pela população mais jovem, mas descurada e sem estruturas para ser utilizada por toda a família. Registe-se que a aposta nesta vertente beneficiaria o turismo, mas, acima de tudo, a população local.

Às diversas estratégias apresentadas há, contudo, que anexar outra que revitalizaria e dinamizaria o património arqueológico local: designá-la-íamos “Arq’Cinfães” (Rota do Património Arqueológico do concelho de Cinfães) (figura 11). Com este projeto, a criar, proporcionar-se-ia um maior conhecimento sobre as origens do povoamento no concelho de Cinfães, ao mesmo tempo que se recuperaria o património arqueológico do concelho. Para tal, seriam necessários fundos comunitários, que apoiariam a criação de uma rota específica que viesse a aglomerar o património arquitetónico da pré-história, desde o neolítico ao calcolítico, ou o da idade do ferro, assim como o referente à ocupação romana e da idade média. Desta forma, abarcar-se-ia todo o património arqueológico, desde a pré-história (aproximadamente 3500 a. C.) até aos séculos XV e/ou posteriores. Para tal, propomos a criação de quatro rotas específicas, intitulando-se a primeira, “Rota do Bronze e do Ferro”, com um percurso de 2 km. A segunda, nomeada “Rota do Neolítico e Calcolítico”, com 24 km de extensão, reunir-se-ia à terceira, designada “Rota do Romano”, com um total de 22 km; e, por fim, a “Rota da Idade Média”, com uma extensão de 24 km.

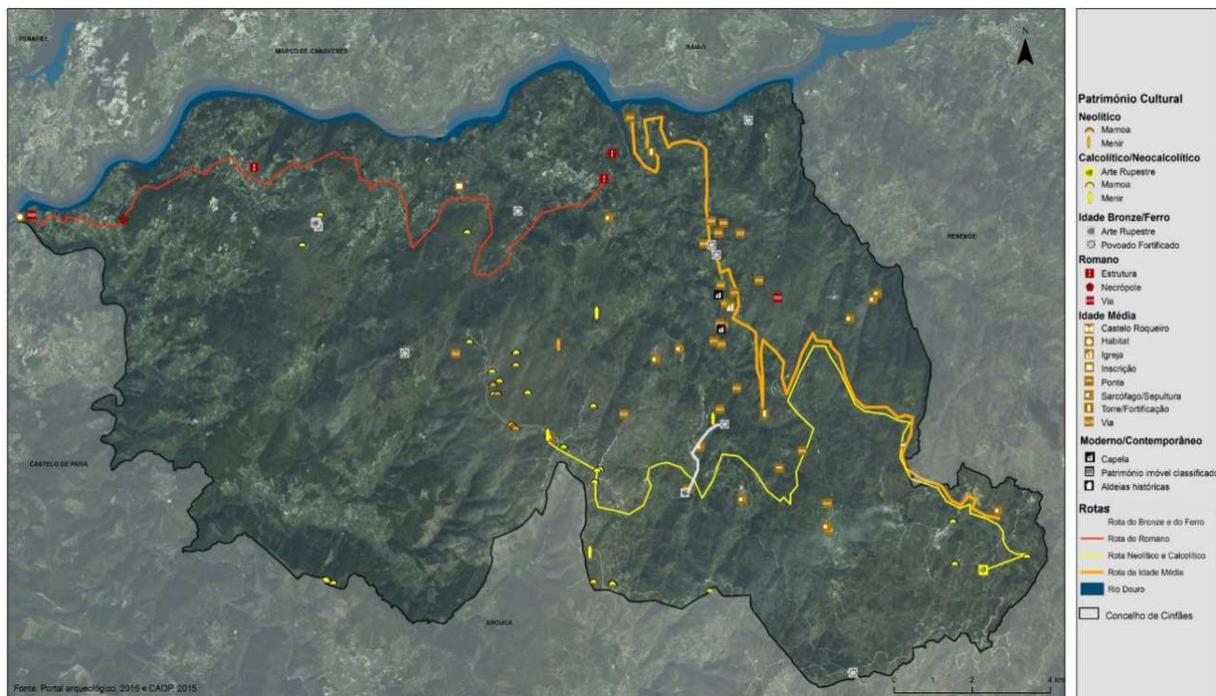


Figura 11- Arq'Cinfães.

Nesta nossa proposta, todas as rotas seriam elaboradas tendo por base a rede rodoviária municipal, de modo a que o acesso a todos os sítios de interesse arqueológico estivesse assegurado. Foram também destacados os monumentos de maior relevância, de modo a garantir que as rotas sejam o mais completas possíveis.

Devido ao seu elevado interesse, o património natural também merece destaque, sobretudo o relacionado com as portas do Montemuro e o Vale do Bestança. Em síntese, conjugando ideias inovadoras com o património e as tradições existentes, Cinfães tornar-se-ia num concelho multifuncional e dinâmico, onde a aposta nos produtos endógenos, mencionados também nos inquéritos efetuados, possibilitaria a criação de espaços únicos, relevantes a nível local, regional, nacional e até internacional, já que os turistas estrangeiros representam, aproximadamente, 70% dos que ficam hospedados no concelho (como foi referido nas entrevistas efetuadas aos proprietários de estabelecimentos de TER). Por isso, a aposta no turismo é efetivamente um meio difusor de dinamismo económico, cultural e social.

4. Síntese Final

Os territórios rurais e em particular o concelho de Cinfães, detêm numerosas potencialidades, que, não obstante, nem sempre são devidamente revitalizadas e dinamizadas. No entanto, a aposta nestas áreas permite não só conter a contínua pressão sobre o litoral, mas também travar o despovoamento e a degradação do interior.

No caso específico do concelho de Cinfães, os principais problemas detetados prendem-se sobretudo com a elevada taxa de desemprego, as fracas acessibilidades e a falta de serviços especializados, motivos evidenciados pelos dados estatísticos, fundamentados pela posição periférica do concelho, factos comprovados quer pelos responsáveis públicos, quer pelos privados e pelos residentes, de distintos perfis socioculturais, como se verificou através da aplicação dos inquéritos. Por outro lado, as potencialidades relacionam-se sobretudo com a paisagem, a natureza, a qualidade de vida e a segurança, na opinião dos inquiridos, mas conjugadas com o património cultural e os usos e costumes típicos da região. Assim, concluímos que o concelho de Cinfães se dinamizou e se tornou mais atrativo, contudo a falta de emprego e as débeis acessibilidades são fatores que não permitem a fixação de população, especialmente nas freguesias “serranas”, retardando o seu efetivo desenvolvimento, sustentável.

De qualquer modo, não é utópico potenciarmos as áreas rurais, como se comprova com as estratégias de dinamização apresentadas para o concelho, gerando emprego e fomentando a qualidade de vida da população autóctone.

5. Bibliografia

- ALBERGARIA, H., PIRES, S. (2000). “O turismo e o desenvolvimento dos espaços rurais de fraca densidade”. Coimbra: Atlas do VIII encontro nacional da APDR;
- Associação de defesa do vale do Bestança (1997) “Património arqueológico do vale do Bestança”. Viseu;
- BENTO, R.; AZEVEDO, N; RAMOS, L. (2012). “Determinação do Conceito e Mapeamento dos Territórios de Muito Baixa Densidade” (Relatório técnico);
- CERVEIRA P., SANTOS M. (2008). “Boassas – Uma aldeia histórica”; Cinfães: Jornal Miradouro Edições, Lda;
- COVAS, A. (1997) “Ajustamento, diversificação e desenvolvimento rural”. Lisboa: Direção Geral de Desenvolvimento Rural;
- COVAS, A. (1997) “Ajustamento, diversificação e desenvolvimento rural”; Direção Geral de Desenvolvimento Rural. Lisboa: Coleção Estudos e Análise 8 – Política de diversificação e a política de ajustamento: duas componentes da política de desenvolvimento rural;
- COVAS, A. (2006) “Desenvolvimento e território: Espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer – homenagem à Professora Dra. Carminda Cavaco”. 2006, Lisboa;
- COVAS, A. (2003) “Portugal e a conquista europeia estratégica”. Lisboa;
- CUNHA, M. (2012) “Animação, tradição e cultura como fatores de preservação da memória e desenvolvimento rural”. Revista do turismo e desenvolvimento, nº 17/18, volume 3;
- Direção Geral de Desenvolvimento Rural (1997) “Desenvolvimento rural: novas realidades e perspectivas”. Lisboa;
- Direção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (2004) “Contributo para a Identificação e caracterização da Paisagem em Portugal continental”. Évora;

- GALVÃO, M.; VARRETA, N. (2010) "A multifuncionalidade das paisagens rurais: uma ferramenta para o desenvolvimento"; Porto: Cadernos do curso de doutoramento em geografia;
- Geoatributo (2015) "R.01 Caracterização e diagnóstico – Revisão do PDM de Cinfães"; Volume 1;
- GIVORD, D. (2000/2001) "The european rural model – Defending the european rural and agricultural model at WTO"; Leader magazine, Nr 25;
- HOGGART, K.; BULLES, H.; BLACK, R. (1995) "Rural Europe – Identity and change". Arnold;
- La Documentation française (2011) "Des systèmes spatiaux en prospective – territoires 2040", Revue d'études et de prospective, Datar, Nº 4;
- LUÍS, E. (2001/2002) "Turismo e desenvolvimento do espaço rural: o caso do concelho de Santa Marta de Penaguião", Inforgeo – Associação Portuguesa de Geógrafos, nº 16/17;
- MAGALHÃES, L. (2010) "Revitalização das áreas rurais de baixa densidade da ERPVA (Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental); Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- MARQUES, H. (2000) "Modernidade e inovação na ruralidade do noroeste de Portugal". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- MARTINS, F. (1997) "Terras Cinfanenses". EFEMART;
- MENDES, N. (2000) "Cinfães 1900". Cinfães: Monografia de Cinfães;
- MONTEREY, G. (1985) "Terras ao léu – Cinfães". Porto: Edição do autor;
- PINA, H.; TEIXEIRA, P. (2015) "The new generation and the strategic development of the alto Douro: the importance of innovation and entrepreneurship";
- PINHO, L.; SILVA, A. (2000) "Antes de Cinfães – da pré-história à idade média"; Cinfães: Monografia de Cinfães;
- PINTO CORREIA, T.; Breman, B.; Jorge, V.; Dneboská, M. (2006) "Estudo sobre o abandono em Portugal continental – Análise das dinâmicas da ocupação dos solos, do setor agrícola e da comunidade rural". Évora: Universidade de Évora – Departamento de Planeamento Geofísico e Paisagístico;
- PINTO CORREIA, T. (2007) "Multifuncionalidade da paisagem rural: Novos desafios à sua análise"; Inforgeo;
- ROCHA, D. (2015) "Avaliação do alargamento do Geoparque Arouca ao território Montemuro e Gralheira - Um estudo sobre património geológico e proposta de um plano de desenvolvimento territorial"; Vila Real: Universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (Tese de Doutoramento em Ciências da Terra e da Vida);
- SEQUEIRA, T.; DINIZ, F. (2013) "Impacto do investimento em áreas rurais: para além do betão, a emergência do 3º setor (Portugal)"; Cuadernos de Desarrollo Rural, Nº10;
- SOARES, L.; PACHECO, E; LUCAS, J; "Geo diversidade, cultura e património: uma leitura integrada da paisagem; CEM – Cultura, Espaço & Memória, nº4;
- VASCONCELOS, M.; RIBEIRO, J.; MATOS, E. (2000) "Geografia de Cinfães". Cinfães: Monografia de Cinfães;
- VENTURA, J.; PEREIRA, L. (2000) "Património e História – imagens que valem por 1000 palavras". Cinfães: Monografia de Cinfães;

VIEIRA, A. (2005/2006) "Património natural da serra do Montemuro: Factor de potencialização da área de montanha"; Cadernos de Geografia, nº 24/25; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

<http://www.bolsanacionaldeterras.pt/quem.php> (acedido a 02-02-2016)

<https://acervo.publico.pt/noticia/um-mundo-ruralmoderno-esta-a-desenvolverse-em-auvergne-1703668> (acedido a 03-08-2015)

<http://turismo.cm-cinfaes.pt/> (acedido a 02-02-2016)

<http://www.dolmen.co.pt/NoticiasMenu.htm> (acedido a 23-02-2016)

<http://ecoaldeiajanas.org/grupos/banco-de-terras-terrenos-e-casas-para-ceder-alugar-ou-vender/> (acedido a 23-02-2016)

<http://www.vinhoverde.pt/pt/regiao-demarcada> (acedido a 28-03-2016)

<http://www.ancra.pt/descriaca.htm> (acedido a 23-03-2016)